

## **Desafio superior: a Responsabilidade Social**

Este texto assenta em dois pressupostos: o mais importante capital de um país é a formação científica, técnica e moral dos seus cidadãos; o sucesso de um país decide-se nas suas organizações formadoras. Com base nestes pressupostos, se lança a pergunta: o que faz a universidade pela competitividade do nosso país? A sua resposta, acredito, inspira e inspirará os líderes deste movimento.

As definições de Responsabilidade Social (RS) são tendencialmente muito vagas e ambíguas, dificultando a operacionalização do conceito e a classificação da realidade em categorias pela teoria viabilizadas. Proponho esta definição como aceitável: actuação orientada e comprometida para valorização do que é directamente importante para a sociedade. A actuação orientada implica políticas e objectivos. O comprometimento implica inclusão na missão e na axiologia organizacional. Ou seja, a RS implica políticas e valores para disponibilizar à sociedade o que ela necessita. Nestes termos, qual pode ser a RS de uma universidade? Proponho resposta organizada em três campos - a formação de cidadãos excelentes, o desenvolvimento da excelência organizacional e a libertação da criatividade pessoal e organizacional.

### **a) Criação de cidadãos para sociedade de excelência**

A formação, incluindo ensino-aprendizagem-avaliação, favorece este ideal social e imperativo nacional? Quais são os valores adoptados e partilhados que orientam a conduta formativa? De que modo os agentes educacionais os actualizam na sua conduta diária? Os processos formativos e avaliativos exploram as sinergias da educação, científica e moral? Qual o ideal de cidadão a construir na universidade através dos seus diferentes projectos educativos? Onde se vislumbra, em que documentos e práticas estruturadas, a relação entre esse ideal e a identidade da universidade?

### **b) Valorização da excelência das organizações**

A competitividade de um país depende da competitividade das organizações, bem o sabemos desde que Porter formulou esta relação. E que a competitividade das organizações depende da competitividade dos seus cidadãos organizacionais, também parece claro. Mas, qual é a função da universidade na estimulação do desenvolvimento das organizações? Tem a universidade uma política estimuladora de intervenção no ambiente organizacional e de desenvolvimento das organizações

que nele operam? Existe alguma relação entre essa política e os requisitos da progressão na carreira docente, de modo a estimular desejável intercâmbio?

c) **Libertação da capacidade criativa**

A universidade beneficia da elevada especialização do seu corpo docente e da progressiva melhoria do seu pessoal de apoio administrativo e técnico, cada vez mais valorizado em processos de formação contínua e acreditação de competências. Contudo, por que parece tão pouco capaz de ajustar os seus processos formativos e administrativos às exigências sociais e económicas actuais, à conformidade da gestão excelente? Por que parece tão rara a melhoria contínua das suas práticas, traduzidas em não conformidades e defeitos impressos em tantos procedimentos que diariamente vivenciamos? Por que ocorre adiamento quase generalizado e não anunciado da aplicação dos promissores princípios de Bolonha à formação?

É preciso adoptar política de Responsabilidade Social e fazer dela promessa que a todos compromete na realização da universidade e do país. Porque o futuro sempre chega, silencioso e implacável.

**Ivo Domingues**